

A dependência da economia portuguesa face às exportações norte-americanas

Portugal no contexto das novas tarifas
comerciais dos EUA



FICHA TÉCNICA

Título

A dependência da economia portuguesa face às exportações norte-americanas: Portugal no contexto das novas tarifas comerciais dos EUA

Autoria

PLANAPP – Centro de Planeamento e de Avaliação de Políticas Públicas

Diogo Sousa (Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra)

Vicente Ferreira (Universidade de Roma “La Sapienza”)

João Pedro Ferreira (Universidade da Virgínia, EUA)

Data

Outubro 2025

PLANAPP – Centro de Planeamento e de Avaliação de Políticas Públicas

Campus XXI, Av. João XXI, n. 63

1000-300 Lisboa

planapp@planapp.gov.pt

www.planapp.gov.pt

Índice

Índice de Figuras.....	3
Índice de Tabelas	3
Resumo Ilustrado	4
Sumário Executivo	5
1. Introdução	7
2. Dados e métodos	8
3. As dependências diretas das exportações de bens portugueses para os EUA.....	9
4. As interdependências setoriais totais entre Portugal e EUA	12
4.1. Dependências setoriais totais	13
4.2. Exposição total nacional e contributos dos setores.....	14
5. Conclusões	18
Referências	20

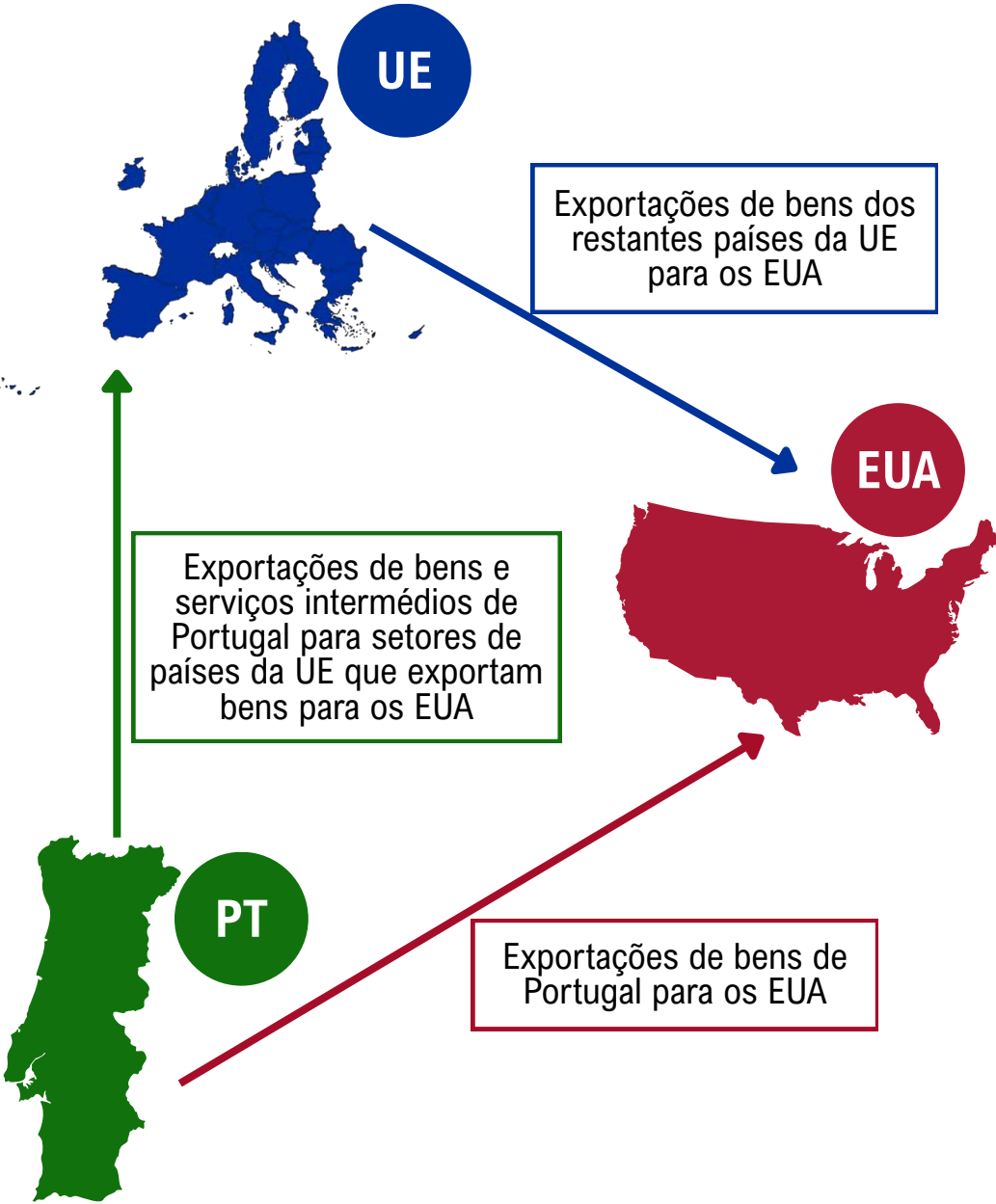
Índice de Figuras

Figura 1 - Evolução das exportações internacionais de bens, Mundo vs. EUA	10
Figura 2 - Exportações de bens para os EUA em percentagem da produção total de cada indústria, 2010-2022	11
Figura 3 - Exportações de bens de Portugal para os EUA (% da produção setorial) e Exportação total de bens (% da exportação de bens nacional).....	12
Figura 4 - Dependências das exportações americanas por setor, em percentagem da sua produção (Top 20 setores)	13
Figura 5 - Peso setorial das exportações de bens para os EUA no total nacional, no PIB e no Emprego, em % do total (Top 20 indústrias de bens mais exportadoras).....	16
Figura 6 - Dependência do PIB nacional (em milhões de euros) por setor, por efeito direto, indireto Portugal e indireto EU (Top 20 setores nacionais)	16
Figura 7 - Dependência do emprego nacional (em milhares) por setor e por efeito direto, indireto PT e indireto UE (Top 20 setores nacionais)	17

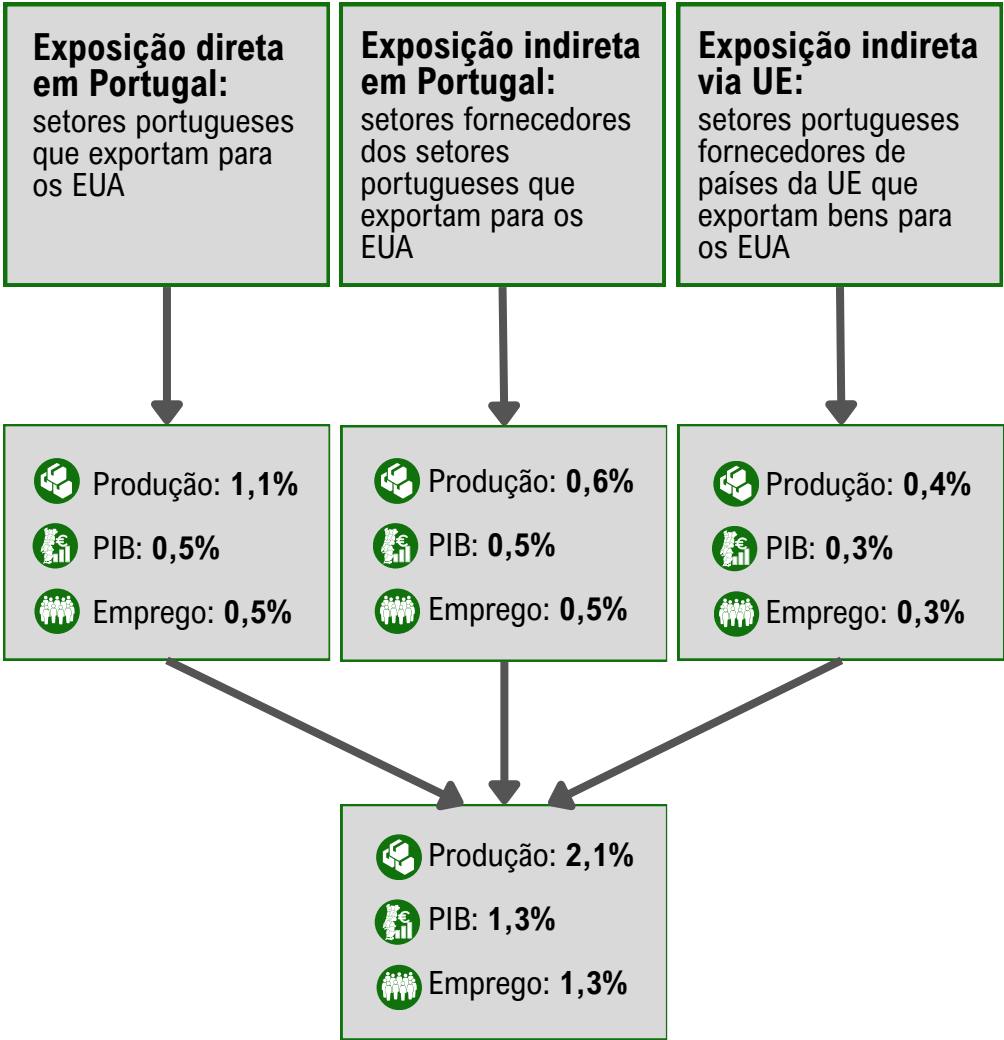
Índice de Tabelas

Tabela 1 - Efeitos totais das exportações portuguesas e europeias na economia nacional.....	14
--	----

Interligações entre Portugal e UE nas exportações de bens para os EUA



Exposição de Portugal



Sumário Executivo

As sucessivas políticas tarifárias da atual administração norte-americana, incluindo a recente negociação que determinou uma tarifa de 15% sobre bens da União Europeia (UE), abrem um capítulo de incerteza nas relações comerciais entre países. No caso da UE, independentemente dos detalhes que ainda estão por conhecer sobre o desenho concreto das tarifas e sobre os setores e produtos aos quais serão aplicadas, a introdução deste custo adicional tem o potencial de reduzir o volume de exportações da UE para os Estados Unidos da América (EUA), com efeitos também sobre a economia portuguesa.

Nesse contexto de transformação das relações comerciais entre os EUA e a UE importa compreender a dependência da economia portuguesa face às exportações de bens para os EUA. No entanto, a simples análise do volume de exportações não é suficiente para medir o peso que as exportações para os EUA têm na economia portuguesa, uma vez que esse indicador não tem em conta a especificidade de cada setor. Por um lado, as tarifas não afetam apenas os setores que exportam diretamente para os EUA, mas também os que vendem produtos que são usados como inputs desses setores. Por outro lado, o volume de importações e de emprego para gerar um euro de exportações varia entre setores, pelo que o peso que um euro de exportações representa no PIB e emprego nacionais difere de setor para setor. Assim, para medir a exposição da economia portuguesa às exportações de bens para os EUA é preciso ter em conta duas dimensões adicionais: i) os efeitos da cadeia de valor – os setores nacionais que, direta ou indiretamente, fornecem as indústrias exportadoras portuguesas e europeias; ii) o valor acrescentado e o emprego nacionais gerados pelas exportações e suas respetivas cadeias de produção.

Esta nota é um primeiro exercício que quantifica a dependência da economia portuguesa face às exportações de bens para os EUA por setor de atividade, considerando todas as dimensões elencadas anteriormente. A exposição, ou o peso, é medida em termos de produção, PIB e emprego diretos e indiretos (associados à cadeia de valor). Ao identificar os setores mais expostos e os mais relevantes a nível macroeconómico, esta análise permite traçar um quadro de risco face à eventual redução de exportações da UE para os EUA.

Destacam-se cinco conclusões:

1. 2,1 % da produção, 1,3 % do PIB e 1,3 % do emprego em Portugal dependem das exportações de bens para os EUA (direta e indiretamente – quer pelas exportações portuguesas e as suas relações intersetoriais; quer pelas exportações dos restantes países da UE que dependem de fornecimentos de setores da economia portuguesa);
2. Apesar de as exportações de bens portuguesas para os EUA representarem cerca de 2% do PIB em 2022, o seu peso efetivo é de 1%, uma vez que a sua produção também depende de *inputs* importados.
3. O setor têxtil, o segundo maior exportador nacional para os EUA, é o setor que mais explica a dependência total da economia nacional relativamente ao mercado dos EUA – cerca de 400 milhões de euros de valor acrescentado e 14 mil empregos;

4. Em contrapartida, os derivados de petróleo, apesar de serem a principal indústria exportadora nacional para os EUA, têm um peso residual no PIB e emprego nacional devido ao elevado conteúdo importado da sua produção;
5. A contabilização das dependências indiretas revela vulnerabilidades em setores nacionais com reduzido volume de exportações para os EUA, destacando-se a silvicultura, metais de base e indústria química. A nível macroeconómico destacam-se ainda o peso de alguns serviços e, ao nível do emprego, da agricultura.

1. Introdução

As relações comerciais globais das últimas décadas foram marcadas pelo aumento do comércio internacional, embora o ritmo de crescimento tenha abrandado, em especial nos períodos pandémico e pós-pandémico. Esta tendência de crescimento foi em grande medida motivada pela redução de barreiras ao comércio e pela redução dos custos de transporte e de transação. Em 2024, as exportações representaram 29 % do PIB mundial, refletindo uma tendência também observada em Portugal, onde atingiram 46,5 % do PIB¹. Esta evolução evidencia a crescente integração e interdependência nas cadeias globais de valor (Antrás & Chor, 2022), tanto ao nível dos produtos finais como ao nível dos *inputs* necessários à produção (consumos intermédios). Ou seja, mesmo produtos rotulados como “*Made in China*” ou “*Made in Japan*” envolvem frequentemente trocas entre empresas de dezenas de países que fornecem as matérias-primas e componentes necessários à sua produção. Dedrick *et al.* (2011) mostram, por exemplo, que um único produto da Apple inclui componentes originários de mais de 30 países. Este modelo de organização da produção amplia a integração dos setores e dos países à escala mundial.

Ao colocar as tarifas na mesa negocial, a administração norte-americana tem procurado encarecer os bens importados pelos EUA, o que teoricamente reduziria a procura por estes produtos. Assim, as economias que fornecem esses bens, como Portugal, poderão observar um decréscimo da sua procura neste contexto². Recentemente, em 27 de julho de 2025, a administração norte-americana e a Comissão Europeia anunciaram um acordo que estabeleceu uma taxa de 15 % sobre praticamente todas as exportações de bens da UE para os EUA³.

Esta nota apresenta um primeiro exercício de avaliação da dependência da economia portuguesa – a nível nacional e setorial – face às exportações de bens para os EUA, em termos de produção, PIB e emprego. Esta análise permite traçar um quadro de risco para Portugal face à eventual redução de exportações europeias para os EUA provocada pela aplicação de tarifas, identificando os setores potencialmente mais afetados e os mais relevantes do ponto de vista macroeconómico. O exercício recorre a modelos globais de input-output, tendo por base os dados da FIGARO, para analisar como essas dependências se propagam nas cadeias de valor, em Portugal e no mundo. O exercício aprofunda o trabalho inicial realizado pelo Banco de Portugal (2025), dado que também considera os efeitos que a cadeia de valor e respetivo conteúdo importado têm no peso das exportações no PIB. Esses efeitos foram também considerados numa publicação posterior do Conselho das Finanças Públicas (2025), ao nível da produção. Neste exercício estendemos a análise ao PIB e ao emprego, e incluímos a desagregação setorial desta dependência.

¹ Dados do Instituto Nacional de Estatística e do Banco Mundial, 2025.

² Naturalmente, as consequências práticas das tarifas dependerão do tipo de bem analisado: produtos com poucos substitutos ou menor concorrência internacional tendem a resistir melhor (procura inelástica), enquanto outros, mais sensíveis ao preço, poderão registar quebras significativas (procura elástica). Apesar de uma análise útil, essa diferenciação não é realizada nesta nota, sendo um exercício que comporta um particular grau de incerteza no contexto atual de transformação das cadeias de valor globais. Por outro lado, teoricamente, alguns setores em Portugal poderão até beneficiar das novas circunstâncias, caso os EUA imponham tarifas superiores aos concorrentes internacionais mais diretos desses setores.

³ https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/qanda_25_1930.

Os indicadores agregados como a proporção das exportações no PIB não são suficientes para aferir o peso que as exportações para os EUA têm na economia nacional, dado que ignoram:

- O contributo efetivo das exportações para a economia nacional: embora as exportações sejam uma componente do PIB na ótica da procura⁴, nem todas as exportações contribuem da mesma forma para a economia nacional. Esse contributo depende da estrutura setorial das indústrias que produzem os bens exportados, incluindo o grau de incorporação de *inputs* importados. Por exemplo, as exportações de gasolina incorporam uma pequena parte de inputs nacionais e uma parte substancial de *inputs* internacionais (petróleo, essencialmente). Assim, em termos relativos, a produção nacional de gasolina poderá gerar mais efeitos económicos em outros países do que em Portugal. Estes efeitos são ignorados em análises que consideram apenas os totais de exportações.
- Os efeitos indiretos das cadeias de valor associadas às exportações: uma vez que as indústrias portuguesas produzem *inputs* utilizados nas indústrias exportadoras nacionais e europeias, a menor intensidade de exportações para os EUA poderá afetar a economia portuguesa indiretamente.

Esta nota está estruturada em cinco secções: a secção 2 apresenta os dados e métodos utilizados; a secção 3 discute brevemente a exposição direta das exportações portuguesas para os EUA; a secção 4 apresenta os resultados do cenário de cessação total das exportações de bens europeus para os EUA, oferecendo uma medida da exposição total da economia portuguesa, agregado e por setor, em termos de produção, PIB e emprego. Por fim, na secção 5 são apresentadas as principais conclusões do trabalho.

2. Dados e métodos

Este trabalho utiliza a matriz *input-output* mundial FIGARO, produzida pela Comissão Europeia. A base de dados inclui as trocas entre 64 setores em 45 países e o resto do mundo, para os anos de 2010 a 2022, permitindo mapear as interações comerciais globais entre setores, consumo final e países. Esta matriz possibilita, por exemplo, saber quanto é que a indústria alimentar em Portugal usa de produtos portugueses, mas também quanto é que importa, por exemplo, do setor agrícola do Brasil ou da Austrália, ou quanto é que a restauração nos EUA consome de produtos alimentares portugueses.

Além da análise direta das trocas, as matrizes *input-output* são a base para a produção de um indicador essencial para a análise económica das cadeias de valor – os multiplicadores de Leontief. Este multiplicador tem o benefício de medir, além das trocas diretas de bens, o nível de dependência de *inputs* necessários à produção de um determinado bem, mas também dos *inputs* que são necessários à produção desses *inputs*, e assim sucessivamente. Estes efeitos, associados à cadeia de valor, são designados efeitos indiretos (Miller & Blair, 2022). No caso da FIGARO, por se tratar de uma matriz

⁴ Na ótica da procura, o PIB corresponde à soma do consumo, do investimento e da balança comercial (exportações subtraídas das importações).

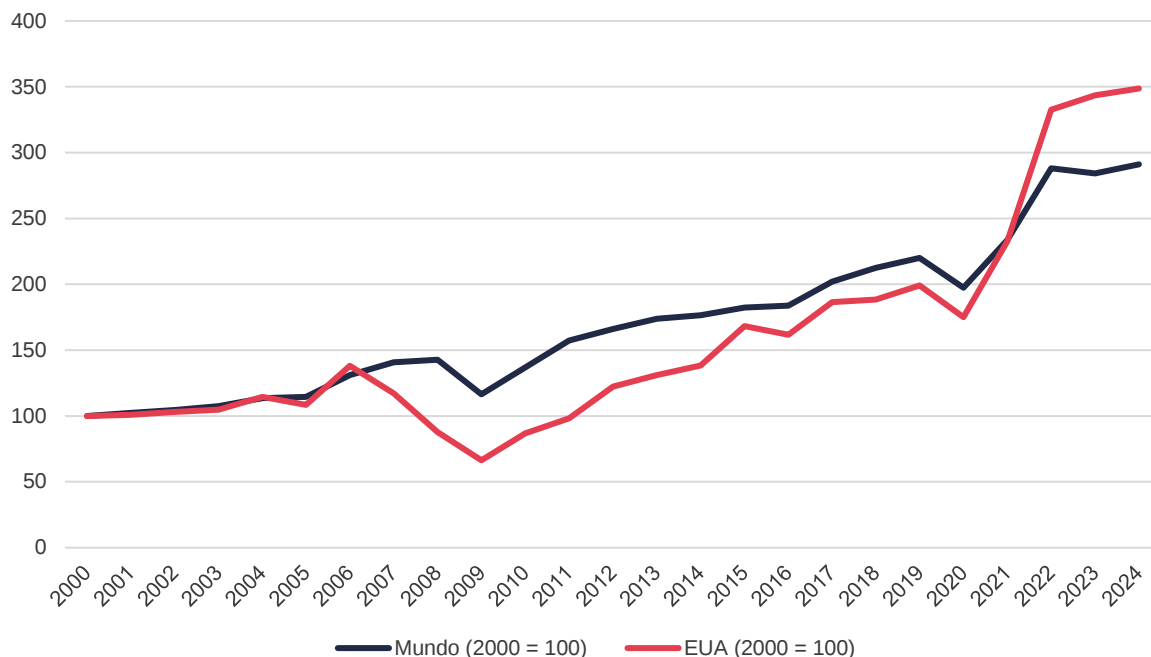
mundial, o efeito é também alocado às indústrias dos diferentes países. Assim, no nosso exemplo, medimos o volume de produtos produzidos em Portugal que se encontram incorporados nas exportações para os EUA, contabilizando toda a cadeia de valor. Por exemplo, Portugal, ao vender gasolina para os EUA, usa *inputs* nacionais (transporte, serviços e equipamento), mas usa também *inputs* internacionais (petróleo e outro equipamento adquirido noutros países). No final, só constitui um contributo na economia portuguesa a parte correspondente à da venda de gasolina e a parte correspondente ao valor acrescentado do setor e dos *inputs* produzidos em território nacional. Além disso, a FIGARO também permite medir qual é o conteúdo nacional que está incorporado nas exportações americanas de outros países europeus (Rueda-Cantuche *et al.*, 2020). Ferreira *et al.* (2025) aplicam esta lógica no modelo PReMMIA desenvolvido para o PLANAPP e para o contexto nacional. Ou seja, quando determinada indústria espanhola exporta para os EUA, caso se trate de um produto que usa *inputs* portugueses, então a redução dessa exportação pode ter um impacto potencial em Portugal. É esta decomposição setorial e entre países que o input-output e a base de dados FIGARO permitem avaliar.

Para avaliar a contribuição líquida das exportações americanas na economia nacional, analisa-se um cenário hipotético em que se anulam as exportações de bens europeus para os EUA, através do método de extração hipotética (*hypothetical extraction method*) revisitado por Dietzenbacher & Lahr (2013). Este método permite isolar um ou mais fluxos económicos e medir o seu contributo líquido para a economia das indústrias dos diferentes países, contabilizando os seus efeitos diretos e indiretos. Algebricamente, assume-se que esse fluxo desaparece, juntamente com toda a parte da cadeia de valor a montante que lhe está associada.

3. As dependências diretas das exportações de bens portugueses para os EUA

Em Portugal, as exportações de bens representaram, em 2024, 62% do total das exportações internacionais. Desde o ano 2000, as exportações de bens de Portugal para os EUA cresceram a um ritmo mais acelerado do que as exportações internacionais totais, em especial após 2020 (Figura 1). Em 2024, o peso dos EUA nas exportações portuguesas de bens atingiu um máximo em termos de valor absoluto (5 244 mil milhões de euros), o que corresponde a cerca de 1,9% do PIB, 6,7% das exportações totais e 23,2% das trocas comerciais de bens com países fora da UE, afigurando-se assim o maior mercado de exportações de bens nacionais fora da UE.

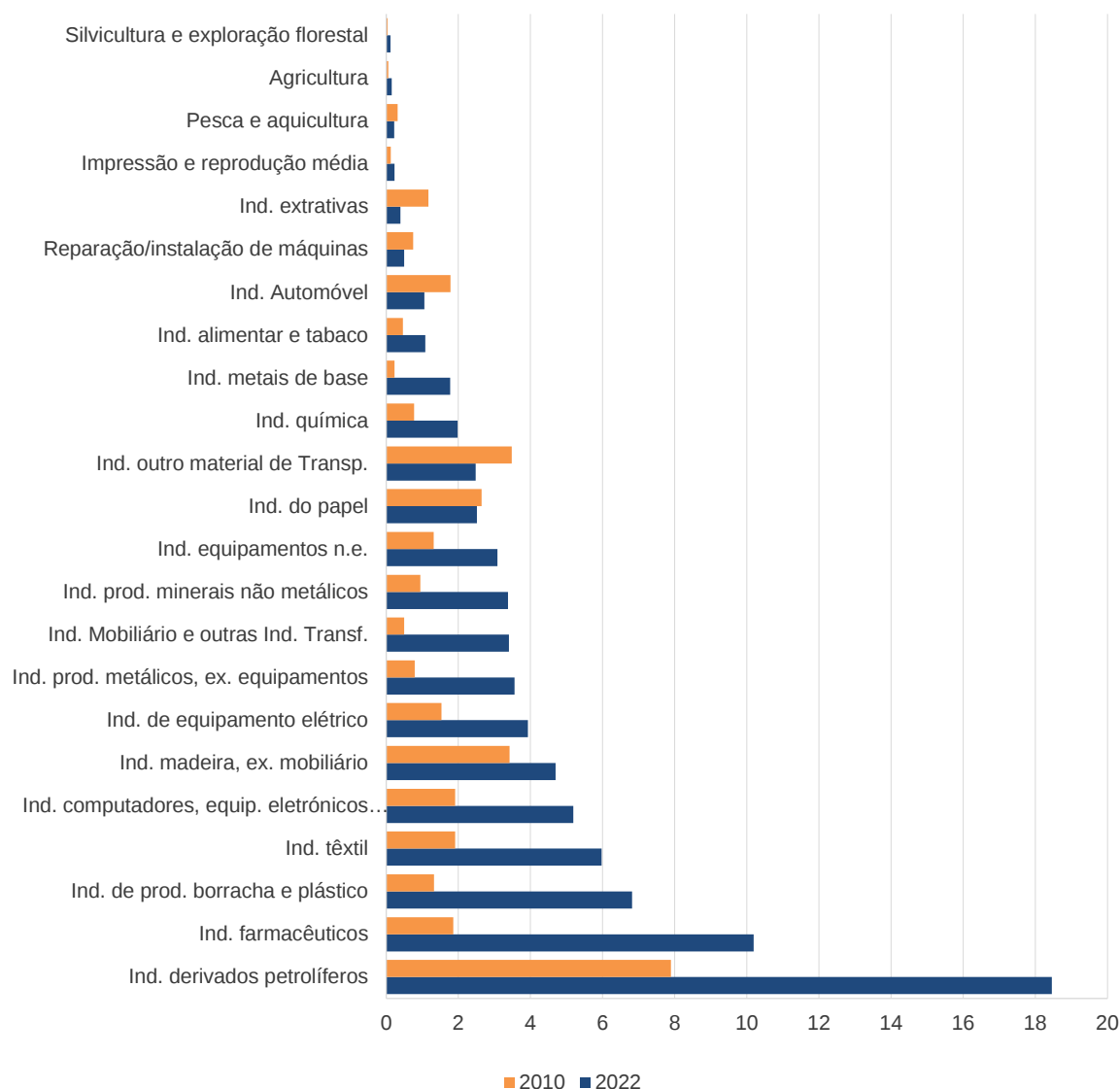
Figura 1 - Evolução das exportações internacionais de bens, Mundo vs. EUA



Fonte: Estatísticas de Comércio Internacional. Instituto Nacional de Estatística (2025). Cálculo dos autores.

Este perfil mais orientado para o exterior e em particular para o mercado americano (Figura 1) está também relacionado com o aumento do peso do mercado americano nas exportações nacionais da generalidade das indústrias portuguesas (Figura 2). Em percentagem da sua produção, os derivados petrolíferos, a indústria farmacêutica e os produtos de borracha e plástico assumiram-se como os setores transformadores mais exportadores de bens nacionais, com maior exposição ao mercado dos EUA. E, como é possível verificar na Figura 2, as exceções são a indústria de “Transportes por água” e “Outro material de transporte”, que viram a sua percentagem de relações com a economia americana reduzir-se ao longo da última década.

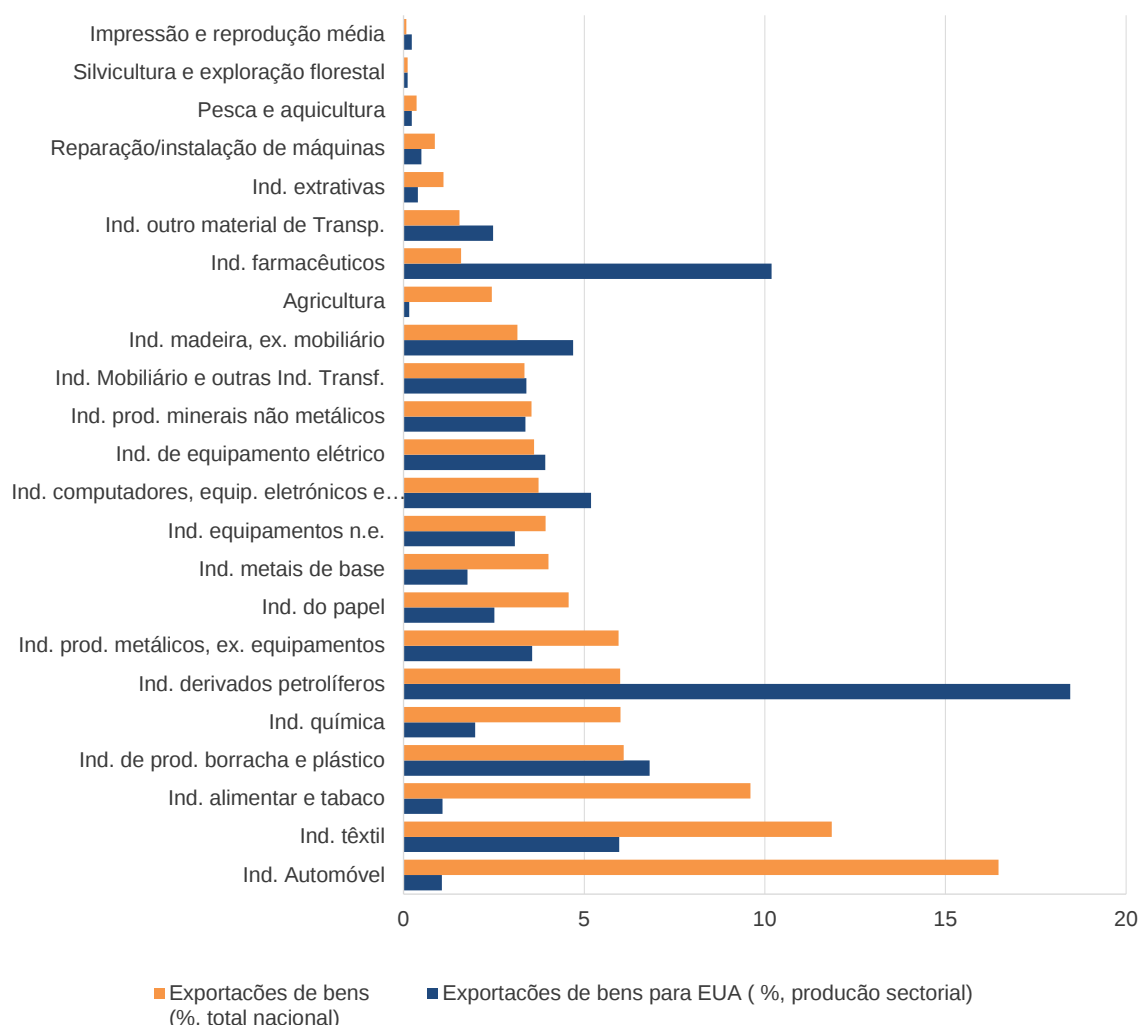
Figura 2 - Exportações de bens para os EUA em percentagem da produção total de cada indústria, 2010-2022



Fonte: FIGARO (2024). Cálculo dos autores.

Não obstante, o peso das exportações para o mercado americano nos setores de bens portugueses é relativamente contido, sendo que em dois dos principais setores exportadores nacionais – o “Automóvel” e a “Indústria Alimentar e Tabaco” –, as exportações para os EUA representam cerca de 1,1% da sua produção. Além disso, em apenas cinco setores – produtos petrolíferos, indústria farmacêutica, produtos de borracha e plástico, têxtil e equipamento eletrónico –, a exportação para os EUA representa mais de 5% da produção setorial (Figura 3).

Figura 3 - Exportações de bens de Portugal para os EUA (% da produção setorial) e Exportação total de bens (% da exportação de bens nacional)



Fonte: FIGARO (2024). Cálculo dos autores.

4. As interdependências setoriais totais entre Portugal e EUA

A presente secção apresenta os resultados da extração hipotética, um método que avalia a importância das relações comerciais admitindo o caso extremo da cessação total desses fluxos (neste caso, as exportações para os EUA). Importa lembrar que estes resultados incluem, por um lado, os efeitos indiretos associados às cadeias de valor dessas exportações e, por outro, o seu contributo líquido para o PIB e o emprego nacionais. Este exercício é feito com o objetivo de medir a dependência da

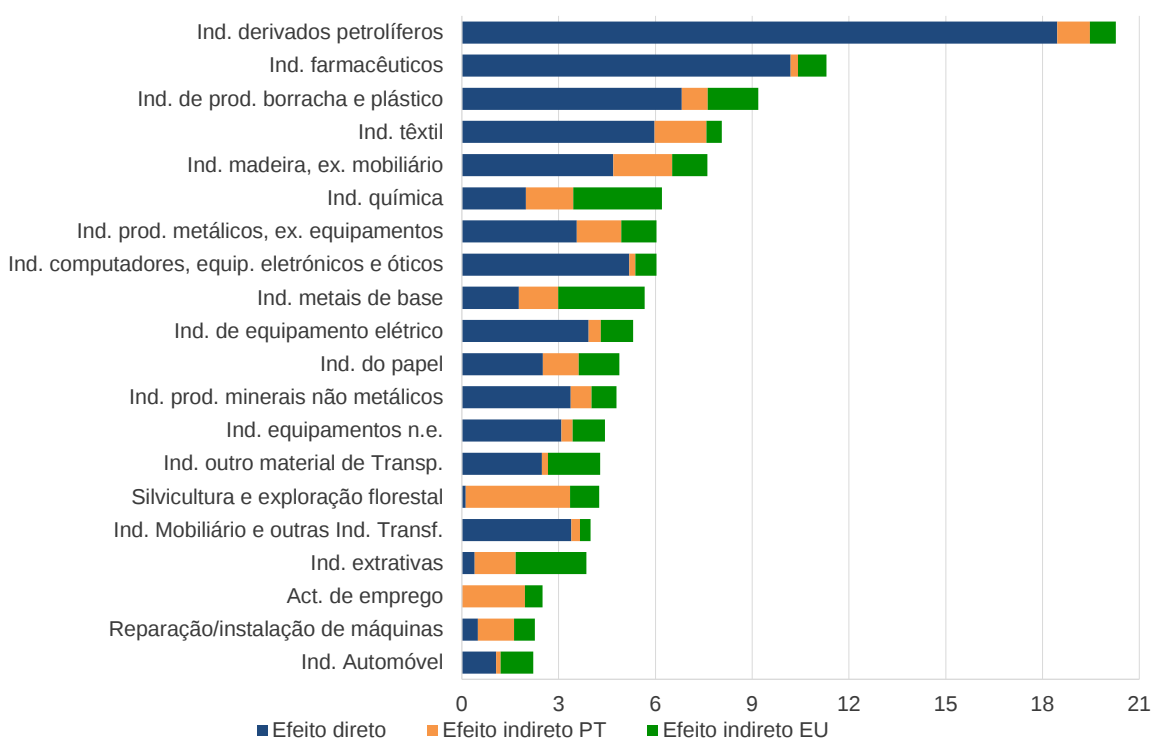
economia portuguesa face às exportações de outros países europeus para os EUA e identificar os setores potencialmente mais afetados e mais relevantes em termos de produção, PIB e emprego.

Um aspeto importante dos resultados apresentados é que são incrementais. Isto significa que começamos por mostrar o peso direto das exportações de bens nacionais para os EUA na economia portuguesa – “Efeito direto”. Depois, a partir da dependência de *inputs* por via da cadeia de valor, adicionamos o peso indireto que decorre das dependências setoriais nacionais dessas exportações – “Efeito indireto PT”. Por fim, acrescentamos o peso indireto que decorre das exportações do resto da UE para os EUA – “Efeito indireto EU”. Os resultados correspondem ao ano de 2022, o último ano disponível na FIGARO.

4.1. Dependências setoriais totais

Nesta subsecção, discutimos a exposição (direta e indireta) dos setores produtivos às exportações de bens europeus para os EUA, independentemente da sua dimensão na economia nacional. Os resultados estão resumidos na Figura 4.

Figura 4 - Dependências das exportações americanas por setor, em percentagem da sua produção (*Top 20* setores)



Fonte: FIGARO (2024). Cálculo dos autores.

Os resultados deste exercício, conforme mostra a Figura 4, revelam que, nomeadamente nos setores mais expostos ao comércio com os EUA, os efeitos diretos contribuem em larga medida para a exposição total do setor em percentagem da produção do setor. Por exemplo, os “Derivados de Petróleo” têm em grande medida efeitos diretos, pois registaram um elevado volume de exportações para os EUA, superior a mil milhões de euros em 2022, o que representa quase 20% do setor. No entanto, a inclusão dos efeitos indiretos revela vulnerabilidades setoriais, só possíveis de detetar com a abordagem seguida, pois medimos a importância deste setor em outros setores da atividade. Esta relevância dos efeitos indiretos e induzidos é evidente noutros setores, como os metais de base, a indústria química ou a indústria extrativa, mas também em setores que não são afetados pelas tarifas ou que não exportam para os EUA. Um dos casos paradigmáticos é o da silvicultura: embora as suas exportações diretas para os EUA sejam residuais, cerca de 3,2 % da produção do setor está indiretamente ligada a exportações nacionais de outros setores, e 0,9 % depende de exportações diretas de outros países da UE para os EUA. De forma idêntica, também os serviços (como as atividades de emprego) surgem neste quadro, apesar de não estarem sujeitos a tarifas e a exportações diretas para os EUA. Estes efeitos são típicos de setores situados nos primeiros elos das cadeias de produção, cujo fornecimento é maioritariamente utilizado como *input* noutros setores.

4.2. Exposição total nacional e contributos dos setores

Nesta subsecção, discutimos a exposição total da economia portuguesa às exportações de bens europeus para os EUA, ao nível da produção, do PIB e do emprego. Os resultados estão sumarizados na Tabela 1.

Tabela 1 - Efeitos totais das exportações portuguesas e europeias na economia nacional

	Efeitos diretos (1)		(2) = (1) + Efeitos indiretos nacionais		(3) = (2) + Efeitos indiretos UE	
	Absol.	% nacional	Absol.	% nacional	Absol.	% nacional
Produção (10 ⁶ €)	5.244	1,0%	7.825	1,7%	9.959	2,1%
PIB (10 ⁶ €)	1.105	0,5%	2.101	1,0%	2.817	1,3%
Emprego (10 ³)	27	0,5%	50	1,0%	66	1,3%

Fonte: FIGARO (2024). Cálculo dos autores.

A dependência total da economia portuguesa face às exportações de bens – nacionais e europeias – para os EUA em 2022 correspondia a cerca de 10 mil milhões de euros de produção, 2,8 mil milhões

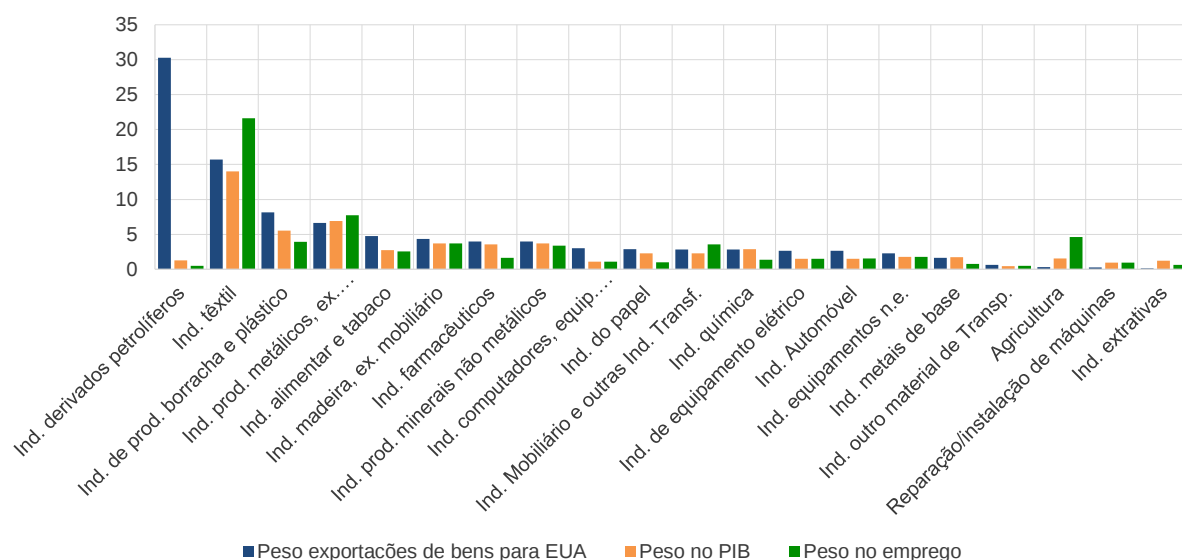
de euros de PIB⁵ e 66 mil empregos. Estes valores representam 2,1 % da produção nacional, 1,3 % do PIB e 1,3 % do emprego total nesse ano. Os valores apresentados revelam uma exposição limitada da economia nacional ao mercado dos EUA por via das exportações de bens, sugerindo um impacto potencial limitado da redução desse fluxo. Porém, destacam-se duas conclusões:

- Apesar de as exportações de bens para os EUA representarem cerca de 2,1% do PIB em 2022 (5.244 milhões de euros), o valor acrescentado das exportações de bens nacionais para os EUA, é inferior ao valor que o indicador “exportações/PIB” sugere. Essa discrepância surge, em primeiro lugar, ao descontar o conteúdo importado das exportações nacionais⁶, o que faz diminuir o peso direto das exportações portuguesas no PIB nacional para 0,5% (1.105 milhões de euros). Em sentido inverso, ao acrescentar o efeito indireto das cadeias de valor, i.e., o fornecimento direto e indireto de bens e serviços nacionais às indústrias exportadoras portuguesas, o peso de bens portugueses para os EUA ascende a 1,0% do PIB (2.101 milhões de euros). No mesmo sentido, se contabilizarmos ainda o fornecimento direto de bens e serviços nacionais a indústrias exportadoras de bens europeias, o peso total das exportações europeias para os EUA no PIB nacional ascende a 1,3% (2.817 milhões de euros).
- Tal como observado a nível setorial, a simples análise das exportações ignora o significativo efeito da cadeia de valor. No caso da produção, os efeitos diretos estão associados a 52% da produção total afetada, mas no caso do PIB, a componente direta representa apenas 39% dos efeitos totais esperados e, no caso do emprego, este valor aumenta para 41%. Isso significa que, no caso do emprego, 59% do efeito total decorre da cadeia de valor e não do peso direto das exportações.

⁵ O Valor Acrescentado Bruto (VAB) de uma unidade produtiva é composto pela soma das remunerações do trabalho, dos impostos líquidos de subsídios sobre os produtos e do excedente bruto de exploração (lucros distribuídos, rendas, juros, outros impostos e lucros não distribuídos), subtraindo-se a este somatório os consumos intermédios utilizados na produção (por exemplo, matérias-primas, energia, etc.). O PIB, na ótica da produção, é igual à soma dos VAB de todas as unidades produtivas nacionais.

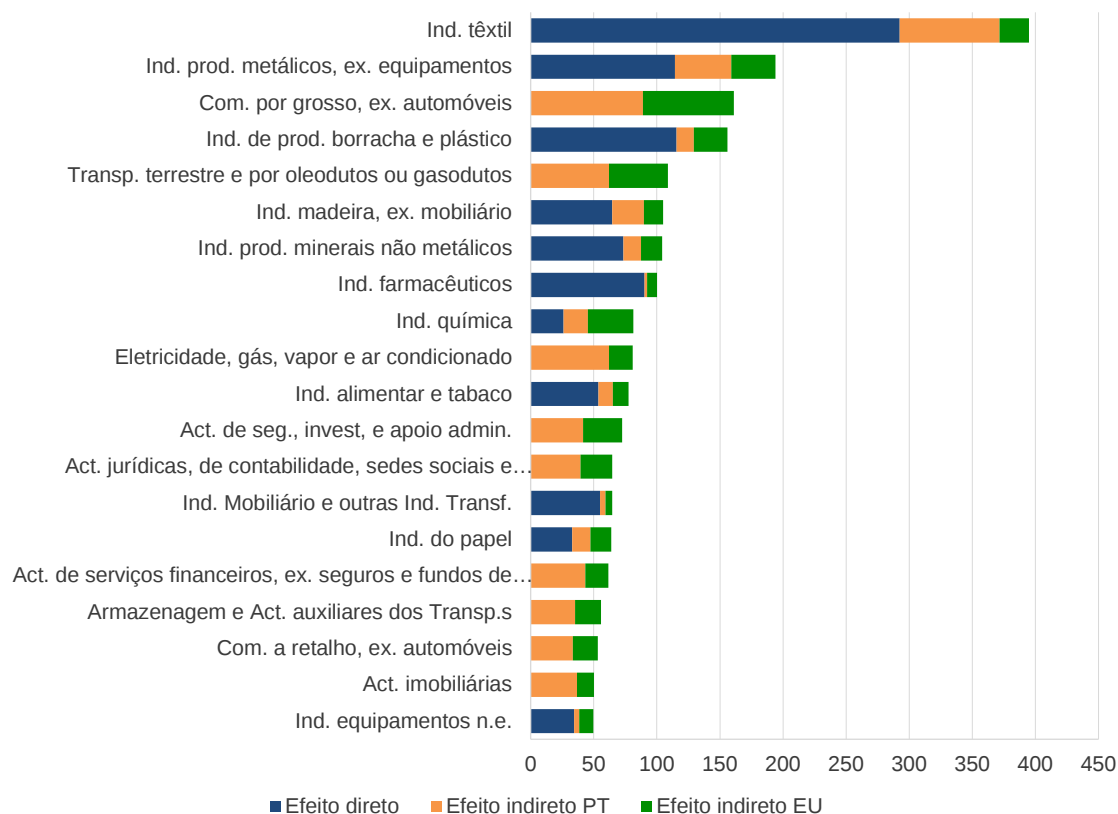
⁶ Para produzir os produtos que exporta, um setor tipicamente importa bens e serviços do estrangeiro necessário nessa produção. Se por cada 1000 euros de diesel exportado para os EUA, as refinarias nacionais necessitarem de importar 800 euros de petróleo e outras matérias-primas, o peso direto no PIB nacional das exportações de diesel para os EUA será de 200 euros, por cada 1000 euros de diesel exportado.

Figura 5 - Peso setorial das exportações de bens para os EUA no total nacional, no PIB e no Emprego, em % do total (*Top 20 indústrias de bens mais exportadoras*)



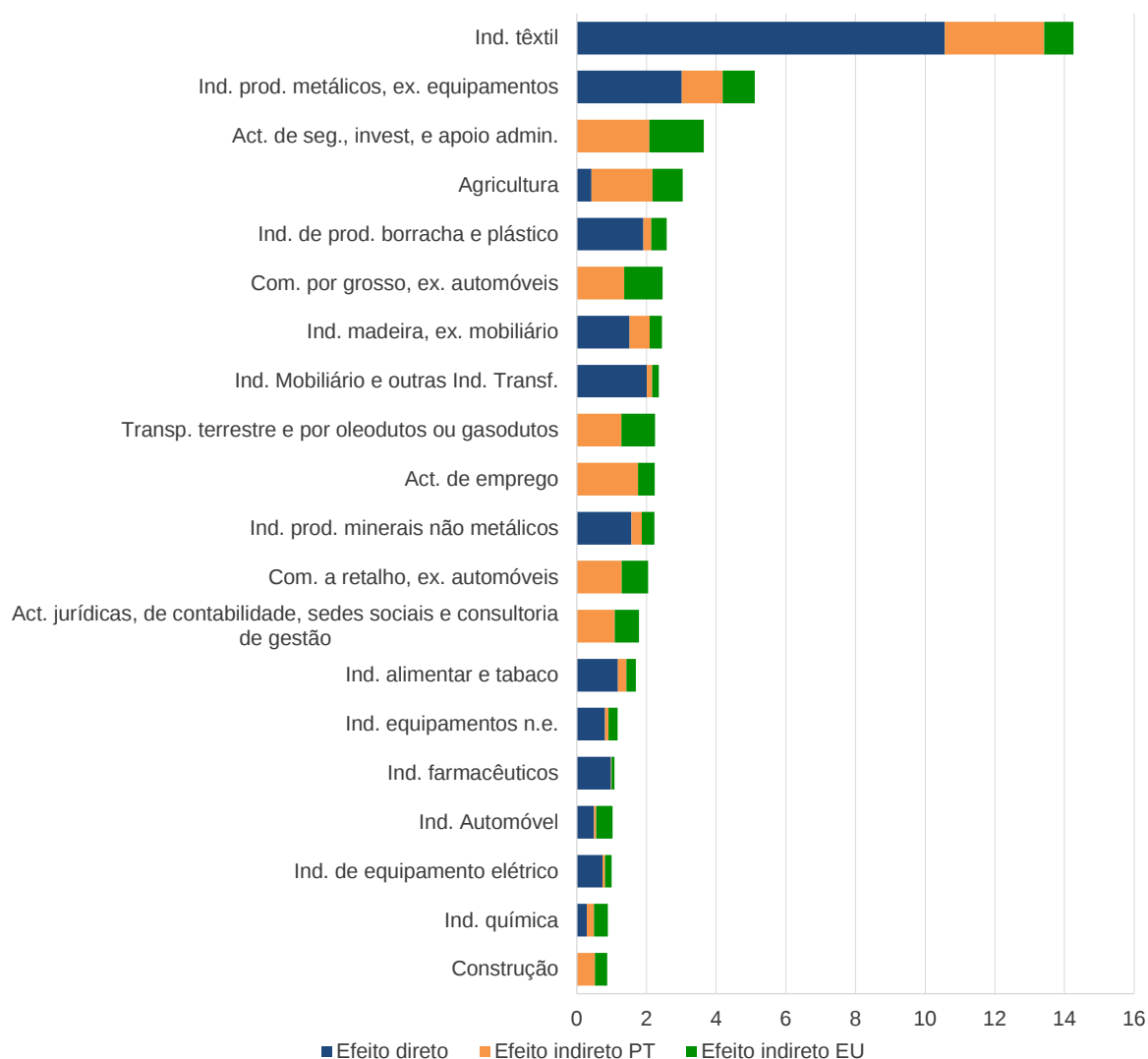
Fonte: FIGARO (2024). Cálculo dos autores

Figura 6 - Dependência do PIB nacional (em milhões de euros) por setor, por efeito direto, indireto Portugal e indireto EU (*Top 20 setores nacionais*)



Fonte: FIGARO (2024). Cálculo dos autores.

Figura 7 - Dependência do emprego nacional (em milhares) por setor e por efeito direto, indireto PT e indireto UE (Top 20 setores nacionais)



Fonte: FIGARO (2024). Cálculo dos autores.

A Figura 5 apresenta os 20 setores que mais contribuem para as exportações portuguesas de bens para os EUA, contrastando esse contributo com a exposição total da economia portuguesa às exportações de bens europeus para os EUA, medida em termos de VAB e emprego. Já as Figuras 6 e 7 detalham essa exposição separadamente para VAB e emprego, distinguindo entre efeitos diretos e indiretos.

Os resultados evidenciam que, naturalmente, o peso de um setor para o total de exportações de bens nacionais para os EUA é um fator mais determinante para o seu contributo para a exposição total da economia portuguesa a esses fluxos. Assim, o setor que torna a economia nacional mais dependente das trocas com os EUA é a indústria têxtil, com uma contribuição líquida para o PIB de quase 400 milhões de euros e 14 mil empregos associados às exportações de Portugal e dos outros países

europeus para os EUA. A segunda indústria mais relevante é a indústria de “Produtos metálicos, ex. equipamentos” com uma contribuição líquida de quase 200 milhões de euros e de mais de 5 mil empregos associados, sendo uma componente importante destes empregos (40%) resultado dos efeitos indiretos nacionais e indiretos de outros países da UE.

Contudo, os resultados sugerem que a contabilização do conteúdo importado é particularmente relevante para aferir o peso das exportações na economia nacional. O exemplo mais evidente é o dos “Derivados de Petróleo”: apesar de representar cerca de 30% das exportações nacionais para os EUA, o seu contributo para o PIB e para o emprego é residual (Figura 5). Isto deve-se, por um lado, ao facto de a principal matéria-prima – o petróleo – ser totalmente importada e, por outro, ao carácter capital-intensivo do setor, com reduzida capacidade de gerar empregos diretos.

As Figuras 5 e 6 mostram que vários setores da economia nacional que não exportam bens ou que pertencem aos serviços – e que, por isso, não estão diretamente sujeitos a tarifas – revelam, ainda assim, uma dependência relevante das exportações para os EUA através de ligações indiretas. No caso do PIB, destaca-se o setor de “Comércio por grosso, exceto automóveis”, que surge como o terceiro mais exposto às exportações para os EUA, com cerca de 200 milhões de euros. No caso do emprego, como demonstra a Figura 7, sobressaem as “Atividades de segurança, investigação e apoio administrativo”, com cerca de 3.600 postos de trabalho, e a agricultura, com cerca de 3.000 empregos. Em conjunto, estes dois setores representam aproximadamente 10% da exposição total do emprego nacional ligada às exportações para os EUA. No caso específico da agricultura, embora apenas uma pequena parte da produção seja diretamente exportada para os EUA – e, portanto, potencialmente sujeita a tarifas – o impacto mais significativo ocorreria de forma indireta, através do fornecimento de bens e serviços à indústria nacional e europeia que exporta para o mercado norte-americano.

5. Conclusões

A atual conjuntura do comércio internacional caracteriza-se por um elevado nível de incerteza, devido à aplicação de tarifas por parte da administração norte-americana e à volatilidade que tem marcado as relações comerciais. Este contexto reforça a importância de conhecer, em toda a sua extensão, a dependência externa de Portugal relativamente aos EUA no âmbito das exportações de bens e das suas interligações setoriais, internas e com os restantes países da UE.

Esta nota procurou contribuir para esse conhecimento, identificando os setores de atividade com maior nível de exposição às exportações de Portugal e da UE para os EUA e o seu peso em Portugal, em termos de Produção, PIB e Emprego. Foram considerados, além dos impactos diretos dos setores exportadores, os efeitos indiretos resultantes dos setores nacionais fornecedores daqueles setores exportadores, bem como os setores portugueses que fornecem produtos e serviços para os setores exportadores dos restantes países da UE no âmbito das suas exportações para os EUA.

Esta análise permitiu concluir que 2,1 % da produção, 1,3 % do PIB e 1,3 % do emprego em Portugal dependem das exportações de bens para os EUA (direta e indiretamente – quer pelas exportações portuguesas e as suas relações intersetoriais, internas e externas; quer pelas exportações dos restantes países da UE que dependem de fornecimentos de setores da economia portuguesa). Apesar de as exportações de bens portuguesas para os EUA representarem cerca de 2,1% do PIB, o seu peso real é de 1,0%, uma vez que as exportações, e a sua produção, também dependem de importações internacionais e de inputs produzidos no estrangeiro. Se contabilizarmos ainda o fornecimento direto de bens e serviços nacionais a indústrias exportadoras de bens europeus, o peso total das exportações europeias para os EUA no PIB nacional ascende a 1,3%

Como expectável, o volume de exportações para os EUA constitui um fator determinante para aferir a preponderância de cada setor na exposição global da economia portuguesa aos EUA por via das exportações de bens. Assim, o risco para o PIB e o emprego nacionais de uma eventual quebra das exportações de bens europeus para os EUA é maior por via dos setores têxtil e de produtos metálicos (exceto equipamentos). Porém, as exportações do setor nacional com maior volume de exportações diretas para os EUA (produtos petrolíferos) têm um peso residual sobre o PIB e emprego.

Por outro lado, a contabilização das dependências indiretas revela vulnerabilidades em setores nacionais com reduzido volume de exportações para os EUA. A nível setorial, esta dimensão é sobretudo visível em setores como a silvicultura, os metais de base e a indústria química. Ao nível do PIB e do emprego nacionais, o papel do efeito indireto é sobretudo relevante em alguns serviços e, no caso do emprego, na agricultura.

Referências

- Antrás, P., & Chor, D. (2022), “Global value chains” in Gopinath, G., Helpman, E. & Rogoff, K., *Handbook of International Economics*, Vol. 5, Elsevier, pp. 297-376.
- Banco de Portugal (2025), “Tarifa efetiva média e exposição das exportações portuguesas ao mercado dos EUA”, *Boletim Económico* do Banco de Portugal, março de 2025.
- Conselho das Finanças Públicas (2025), *Perspetivas económicas e orçamentais 2025-2029*. Relatório n.º 02/2025, abril de 2025.
- Dedrick, J., Kraemer, K. L., & Linden, G. (2011), “The distribution of value in the mobile phone supply chain”, *Telecommunications Policy*, 35(6), pp. 505-521.
- Dietzenbacher, E., & Lahr, M. L. (2013), “Expanding extractions”, *Economic Systems Research*, 25(3), 341-360.
- Ferreira, J. P., Cruz, L., Raposo, V., Rebolho, J. M., Lopes, L., Teotónio, C., Barata, E. & Sargento, A. (2025), “Role of distinct export strategies in regional growth. A multi-regional input-output approach (PReMMIA)”, *European Planning Studies*, 33(4), pp. 601-621.
- Miller, R. E., & Blair, P. D. (2022), *Input-output analysis: foundations and extensions*, 3rd Edition, Cambridge University Press.
- Rueda-Cantuche, J. M., Revesz, T., Amores, A. F., Velázquez, A., Mraz, M., Ferrari, E., Mainar-Causapé, A. J., Montinari, L. & Saveyn, B. (2020), “Improving the European input-output database for global trade analysis”, *Journal of Economic Structures*, 9(1), pp. 1-16.

Notas Rápidas

As Notas Rápidas são publicações de análise muito breves, dedicadas a temas de grande relevância e atualidade, cujo objetivo é proporcionar informação sistematizada, especializada e de leitura rápida.

1. Impactos do conflito Rússia-Ucrânia 
2. Portugal e Península Ibérica na segurança energética da UE: Caso do Gás 
3. Conflito Rússia-Ucrânia: análise breve das atividades económicas em risco 
4. Desafios europeus na substituição do gás natural importado da Rússia 
5. O impacto da guerra no PIB europeu e nas exportações portuguesas 
6. O impacto da guerra nas importações não energéticas 
7. Os Impactos Sociais e Políticos da Guerra na Ucrânia 
8. O mecanismo ibérico de ajuste dos preços da eletricidade 
9. 9 meses de guerra - Balanço e Prospetiva 
10. Mudanças no Abono de Família 
11. A Gratuitidade das Creches 
12. Portugal perante a Autonomia Estratégica Aberta da UE 
13. Impacto económico da construção da Linha Sines-Elvas: aplicação do modelo PReMMIA 
14. A dependência da economia portuguesa face às exportações norte-americanas: Portugal no contexto das novas tarifas comerciais dos EUA



www.planapp.gov.pt



PLANAPP



@planapp_



Newsletter